

Caracterização e convivência entre turistas e residentes na Cidade de Ouro Preto (e a utilização compartilhada de recursos)

*Eduardo Trindade Bahia¹
Eliana Márcia dos Santos
Wanyr Romero Ferreira²*

Resumo: O turismo sustentável depende do gerenciamento eficiente dos recursos naturais, sócio-culturais e construídos disponíveis no destino turístico. Tais recursos, aqui denominados recursos comuns (RCs), são utilizados e podem ser compartilhados simultaneamente pelos turistas e pela população local. As degradações e a utilização excessiva destes recursos de uso comum comprometem a qualidade da experiência dos turistas e a qualidade de vida dos residentes, podendo levar a uma situação de conflito entre os turistas e os residentes. Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada, com cem turistas e cem residentes na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, abordando a opinião dos pesquisados em cinco dimensões ambientais constituintes dos RCs: serviço de limpeza e coleta de resíduos sólidos; água de abastecimento e residuária; energia e trânsito; urbanismo e arquitetura: uso do espaço urbano e áreas verdes. Os resultados dão informações importantes relacionadas às caracterizações de turistas e residentes e aos recursos de uso comum, e podem contribuir para a manutenção da atividade turística dentro de níveis de uso considerados sustentáveis, a fim de se minimizar a degradação e conseqüente perda da qualidade de vida e da atratividade turística da cidade considerada Patrimônio Histórico da Humanidade.

Palavras-Chave: recursos de uso comum; gestão ambiental de destino turístico; residente de destino turístico; conflito: residente versus turista.

1. Introdução

A importância do turismo tem sido ressaltada nas últimas décadas pelo seu elevado potencial de multiplicador de renda e gerador de benefícios diretos e indiretos nas condições econômicas e sociais de inúmeras regiões ao redor da terra.

Inúmeros estudos e trabalhos são empreendidos principalmente em busca da quantificação dos resultados econômicos da referida atividade. Entretanto, nos últimos anos, os estudos e as análises têm procurado abordar os efeitos negativos do turismo nas

¹ Centro Universitário UNA. E-mail: eduardo.bahia@una.br

² Centro Universitário UNA. E-mail: wanyr@terra.com.br

comunidades receptoras. Os impactos sócio-culturais observados têm suscitado indagações sobre como conciliar a idéia de desenvolvimento através do turismo com a utilização sustentável dos recursos naturais, construídos e sócio-culturais das comunidades anfitriãs (COOPER *et al.*, 2001; BOULLÓN, 2002 VALLS, 2006).

A degradação pode ocorrer a partir da ação simultânea de vários fatores, e a atividade turística pode contribuir para a destruição progressiva dos recursos naturais, principalmente se não existir um planejamento e uma gestão ambientalmente sustentáveis (COOPER *et al.*, 2001; OLIVEIRA, 2003). Para Bahia *et al.* (2005, p.1), “ o processo de degradação de praias, rios, lagos, florestas, fazendas e cidades com potencial turístico deve ser detectado, corrigido e monitorado para que seja resguardada a qualidade desses atrativos”.

Briassoulis (2002) descreve que diversos recursos naturais são utilizados simultaneamente por turistas e residentes. São denominados recursos comuns (RCs)³ e estão sujeitos aos usos múltiplos, sobrepostos e potencialmente conflitantes pelos diversos grupos de usuários. Dentre os inúmeros recursos comuns, podem-se citar a água, a energia, as ruas, praças e jardins, monumentos históricos, a infra-estrutura de acesso, restaurantes, postos de saúde e hospitais, postos de gasolina, dentre outros. Por serem utilizados e compartilhados ao mesmo tempo por turistas e residentes, são caracterizados pela diminuição (rivalidade) e a não-exclusão, atendendo às características dos RCs – todos aqueles cuja exploração por um usuário reduz o estoque disponível para outros, e para os quais é muito difícil, e às vezes impossível, impedir que novos usuários possam utilizá-los e usufruí-los (BRIASSOULIS, 2002).

São poucos os trabalhos e estudos que abordam a questão dos recursos de uso comum nas cidades turísticas e os possíveis conflitos que possam decorrer do uso simultâneo pelos diversos usuários. Além disso, de modo geral, esses trabalhos (HEALY, 2006; KASIM, 2006) dão ênfase à abordagem relacionada à gestão da atividade turística e ao turista, deixando em segundo plano as questões relativas aos residentes e às possíveis conseqüências sobre o uso compartilhado dos recursos comuns. Para Xavier (2007, p.71), a comunidade pode perceber o turismo como verdadeira invasão de privacidade quando [...] vêem seus recursos, tidos como “bens de uso”, transformando-se em “bens de troca” [...]. Entretanto, nos últimos anos verifica-se um aumento no número de publicações sobre os recursos de uso comum em localidades turísticas, sob a ótica dos residentes, fato que vem comprovar a atualidade do

³ Traduzido do inglês “Common pool resources”.

tema e ressaltar a necessidade de maior aprofundamento dos estudos sobre o mesmo (GURSOY *et al.*, 2002; CLADERA *et al.*, 2003).

Este trabalho faz parte de um estudo mais amplo e nele objetivou-se a caracterização sócio-cultural de turistas e residentes de Ouro Preto, identificando a opinião dos mesmos sobre a utilização dos recursos de uso comum na cidade, e a existência de possíveis conflitos decorrentes do uso simultâneo de tais recursos.

O levantamento e análise dos dados sobre o compartilhamento dos RCs em Ouro Preto podem fornecer contribuição importante para a manutenção da atividade turística dentro de níveis de uso considerados sustentáveis, a fim de se minimizar a degradação e conseqüente perda da qualidade de vida e da atratividade da cidade considerada Patrimônio Histórico da Humanidade.

2. Turismo e sustentabilidade

O conceito de desenvolvimento proposto pela economia clássica está associado à idéia de fazer as nações pobres buscarem a superação de suas necessidades através de um processo de produção de riqueza que deve ser partilhada e distribuída a fim de suprir as demandas das pessoas (CORIOLANO, 2002). Em busca dessa geração de riqueza, a partir da década de 50, o turismo passou a ter papel de destaque, despontando como alternativa de desenvolvimento econômico para inúmeras regiões em todo o mundo (OMT, 2002).

Para Boullón (2002), o turismo é uma forma de consumir configurando-se como um canal através do qual flui uma demanda especial de muitos tipos de bens e serviços elaborados para outros usuários, mais o consumo de alguns serviços especialmente desenhados para satisfazer necessidades próprias dos viajantes.

O desempenho da atividade turística é determinado pela satisfação dos próprios turistas, que criam condições para assegurar e aumentar o fluxo de visitantes e conseqüentes gastos no local, elevando a rentabilidade dos negócios ligados ao setor e o nível de vida da população local. O redirecionamento do foco do turismo para também abranger os residentes em função de uma melhor qualidade de vida, acompanhou o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade em nível mundial.

2.1 Os recursos de uso comum e o turismo

Miller (2007, p.7) afirma que “do ponto de vista do homem, um recurso é qualquer coisa obtida do meio ambiente para atender necessidades e desejos”, exemplificando com a água, os alimentos, o abrigo, o transporte, a comunicação e o lazer. Por sua vez, recursos turísticos são constituídos pelos recursos naturais, construídos e pelos imateriais, que motivem um deslocamento turístico de pessoas com objetivos distintos (DIAS, 2003).

Os bens comuns ou os recursos de uso comum, abrangem os recursos naturais (ar, água, paisagens, florestas, rios, campos, minas, grutas, terra, solo, etc.), os recursos construídos (hospitais, postos de combustíveis, meios de hospedagem, meios de restauração, locais de entretenimento e lazer, parques, malha viária, saneamento básico, sistema de coleta de lixo, dentre outros) e os recursos sócio-culturais (hábitos, história, manifestações culturais e religiosas) que são fatores decisivos no desenvolvimento do turismo e essenciais ao desenvolvimento da comunidade (BRIASSOULIS, 2002).

Portanto, as áreas comuns do turismo incluem todos os recursos que os destinos turísticos e seu entorno possuem. Em outras palavras, elas coincidem com o produto turístico, correspondendo à proposição de que a maioria dos locais turísticos é território público e quanto maior a demanda por áreas e recursos comuns, menos quantidade estará disponível para todos (BRIASSOULIS, 2002; HEALY, 2006). Para Healy (1994), o uso excessivo e o congestionamento das áreas comuns geram custos sociais, ambientais e econômicos para os diversos usuários, diminuindo a qualidade de suas vivências e experiências.

Em consequência do uso simultâneo por múltiplos usuários, ruas e outras instalações podem ficar congestionadas, depreciando a estética do lugar e reduzindo muito a experiência turística e a qualidade de vida dos residentes. As áreas comuns do turismo combinam usos sobrepostos e variados, podendo gerar conflitos entre necessidades e desejos específicos dos diferentes usuários que as consomem nas altas e baixas temporadas. Portanto, as áreas comuns do turismo modificam-se em qualidade e quantidade devido ao uso pelos residentes e turistas e, muitas vezes, pode-se perceber que este uso não possui nenhum tipo de normalização (HEALY, 2006).

A água e o ar são elementos essenciais a todas as atividades humanas e a paisagem é indispensável à atividade turística. Rios, lagoas e mares recebem a água residuária; a atmosfera recebe os resíduos poluentes industriais e das concentrações urbanas. As vias urbanas, os parques e os jardins são os espaços compartilhados pelos residentes e turistas e

sofrem os efeitos do uso simultâneo, podendo configurar-se como cenário de possíveis conflitos (HEALY, 1994; COOPER *et al.*, 2001; BRIASSOULIS, 2002; OLIVEIRA, 2003).

Ao receber recursos de menor qualidade, tais como água e ar poluídos, infere-se que o turismo oferece, também, um produto com menor qualidade aos seus usuários e que, similarmemente, os residentes são afetados pela baixa qualidade dos recursos da sua área (BRIASSOULIS, 2002). Para Ruschmann (2001) e Costa (2002) as atividades não-turísticas e o cotidiano dos moradores das áreas anfitriãs sofrem os efeitos causados pelos impactos ambientais do turismo. O aumento da poluição, do consumo de água e energia e dos espaços comuns urbanos durante a alta temporada em várias cidades turísticas faz com que diminuam as quantidades disponíveis para os turistas e residentes.

A infra-estrutura de transporte, de abastecimento de água e energia, de trânsito e inúmeras outras é prioritariamente destinada aos residentes. Porém, num local turístico, essa infra-estrutura atende, também, os turistas, fato que não foi, de modo geral, anteriormente planejado. Essa desproporção entre a demanda e a oferta pode levar ao congestionamento, à manutenção insatisfatória e aos serviços de qualidade inferior que podem ocasionar a insatisfação tanto dos turistas quanto dos residentes.

2.2 Gestão ambiental de destinos turísticos

Em sua análise sobre as cidades turísticas brasileiras, Petrocchi (1998) revela que muitas apresentam problemas que comprometem o desenvolvimento do turismo, tais como: desordem urbana, saturação e violência; degradação do meio urbano e natural, dentre outros.

Para Bahia *et al.* (2005), é importante ressaltar que os municípios são, em última instância, os responsáveis pelo desenvolvimento do turismo, pela conservação ambiental.

Os conflitos quanto ao uso e à conservação dos espaços urbanos entre residentes e turistas podem ocasionar a depreciação da imagem do local e a insatisfação dos turistas, o que acaba por prejudicar não apenas o turismo, mas os outros setores a ele relacionados. Nesse contexto, Briassoulis (2002) afirma que se faz necessário o questionamento sobre a participação dos residentes na elaboração de propostas para o desenvolvimento sustentável do local, uma vez que seus interesses estão intimamente relacionados com o crescimento em curto, médio e longo prazos.

Oliveira (2003) afirma que a destruição do meio ambiente, o congestionamento de tráfego e de pessoas, e os conflitos sociais são exemplos reais de aspectos negativos do

turismo e que o dano físico, intencional ou não, pode ser o resultado de um excesso de visitantes que procuram desfrutar da herança patrimonial da cidade:

[...] isto ocorre de maneira mais acentuada nas cidades históricas, pois elas não foram projetadas para as condições de vida e de desenvolvimento contemporâneos. As ruas são mais estreitas, não há locais de estacionamento e as lojas e o comércio em geral dividem espaços com residentes e visitantes [...] (OLIVEIRA, 2003, p. 12).

Citando Van Houts,⁴ Oliveira (2003) enfatiza que não só os limites físicos, mas também os psicológicos devem ser observados, pois quando eles são ultrapassados, os turistas começam a procurar outros locais para visitação. Do ponto de vista dos residentes, eles se ressentem quando os turistas agredem a cultura local e impedem a sua participa o em atividades e a frequência a lugares que lhes pertencem: “[...] quando os moradores já não aceitam mais os turistas e começam a hostiliz -los, significa que a capacidade de carga social da comunidade receptora está ultrapassada [...]” (OLIVEIRA, 2003, p.25).

Outro aspecto que deve ser destacado do conceito de turismo sustentável diz respeito ao patrim nio histórico-arquitet nico das cidades históricas, especialmente naquelas consideradas Patrim nio Histórico da Humanidade, reconhecidas mundialmente como atra o turística. A rela o entre controle do número de visitantes em espaços naturais e construídos e preserva o da identidade histórico-cultural das comunidades anfitri as   um desafio que se impõe na constru o do desenvolvimento sustentável e na atratividade turística desses locais (RODRIGUES,2002).

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos e as estratégias de pesquisa utilizadas neste trabalho foram escolhidos levando-se em considera o os objetivos de pesquisa e os fatores condicionantes do objeto de estudo. São empregadas técnicas de pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória com os objetivos de identificar tanto o turista e suas percep es quanto o residente e comparar as percep es dos mesmos sobre os recursos de uso comum da cidade de Ouro Preto. A pesquisa foi realizada com cem residentes e turistas acima de 18 anos, da cidade de Ouro Preto. Pela inexistência de dados mais precisos sobre o número de turistas que visitam a cidade anualmente, optou-se por entrevistar o maior número de turistas

⁴ Van Houts, Dider. “Quality tourism: Concept, solving, dilemmas in third world countries”. 41^o Congr s de L’Aiest, Atas, 1991.

durante os meses de maio a junho de 2007, entre 10:00 e 16:00 horas. O máximo de questionários respondidos pelos turistas foram cem. Optou-se por entrevistar igual número de residentes durante o mesmo período e horário. Silva (2004, p.106) propõe a fórmula para cálculo de amostra: considerando-se que $n = 100$, $p = 0,2$, $q = 0,8$, para um nível de confiança de 95% ($z = 1,96$), a margem de erro obtida é de 7,8%.

Foram elaborados dois modelos de questionários: um para turistas, outro para residentes. Cada modelo foi dividido em duas partes, sendo a parte I igual para os dois grupos de sujeitos. Nesta parte procurou-se abordar as cinco dimensões ambientais: serviço de limpeza pública e coleta de resíduos sólidos; água de abastecimento e residuária; energia e trânsito; urbanismo e arquitetura: uso do espaço urbano; áreas verdes. Para cada dimensão, foram elaboradas sete questões fechadas. Na parte II do questionário buscou-se obter informações que caracterizassem os turistas e os residentes.

4. Resultados e Discussão

A pesquisa identificou que 62,2% dos turistas entrevistados são do sexo masculino e 37,8% são do sexo feminino. Dos residentes entrevistados, 62,5% são do sexo masculino e 37,5% do sexo feminino. A faixa entre 20 a 25 anos concentrou o maior percentual de turistas entrevistados, com 46,0%, seguida das faixas entre 26 a 35 anos (30,0%), 36 a 44 anos e 45 a 60 (13%). Observa-se a predominância de turistas mais jovens, com 76,0% com idade até 35 anos. Quanto ao estado civil, 51% dos turistas entrevistados são solteiros e 40% casados, sendo que 9% não informaram. Entre os residentes, 44,0% são casados, 44,0% solteiros e 12,0%, responderam outros.

Os números apurados demonstram que a maioria dos turistas (41,0%) e dos residentes entrevistados (42,4%) é empregada. Na FIG. 1 observa-se que 31,0% dos turistas e 22,2% dos residentes são estudantes, 10,0% dos turistas e 14,1% dos residentes são profissionais liberais. Entre os turistas entrevistados, 9,0% são empresários e 9,0% têm outras atividades, sendo que entre os residentes, os empresários representam 2,0% e 19,3% assinalaram a opção “outros”.

Em relação à renda mensal aproximada, a maior parte dos turistas entrevistados (46,0%) possui renda de até 2 salários mínimos (FIG. 2). Essa faixa de renda também é a de 40,6% dos residentes entrevistados, e está de acordo com dados da Fundação Getúlio Vargas

sobre a renda média de R\$ 493,63, da população brasileira, em 2006⁵. A faixa de valor entre 2 a 5 salários mínimos representa 30,0% dos turistas e 46,9% dos residentes entrevistados. Enquanto 13,0% dos turistas entrevistados responderam não possuir renda alguma, 11,0% se situam na faixa entre 5 e 10 salários mínimos. Entre os residentes entrevistados, 10,4% não possuem renda e 2,1% percebem entre 5 e 10 salários mínimos.

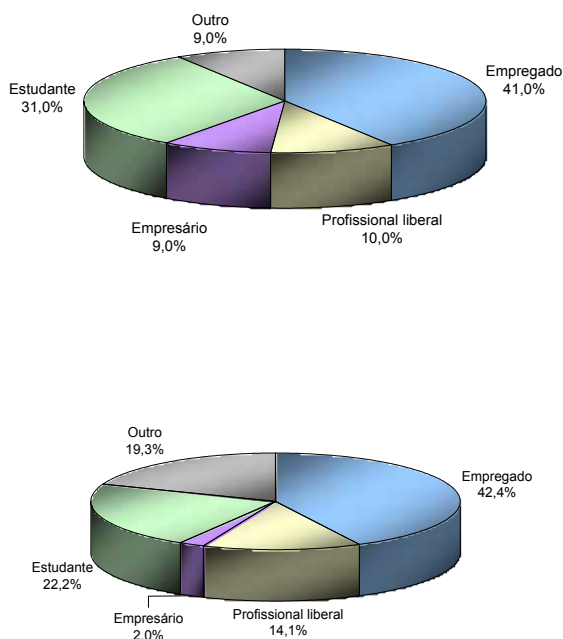


FIGURA 1 – Profissão/ocupação principal dos turistas (esquerda) e dos residentes (direita) entrevistados.

Fonte: dados da pesquisa

Observa-se que 76,0% dos turistas entrevistados (FIG. 2) recebem até cinco salários mínimos, e que no estudo do Diagnóstico da Demanda Turística de Ouro Preto, para a mesma faixa de renda encontram-se 17,0% dos turistas entrevistados. Em relação aos residentes, a grande maioria (86,9%) também recebe até 5 salários mínimos, conforme mostra a FIG. 2. Os turistas e residentes entrevistados que responderam não ter renda podem fazer parte dos grupos que responderam ser estudantes na questão anterior.

⁵ Disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL107013-9356,00.html
Acesso: 12 ag. 2007

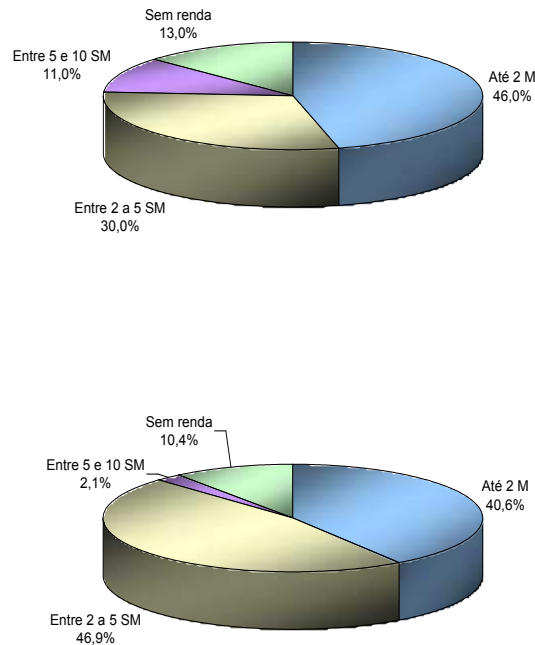


FIGURA 2 – Renda dos turistas (esquerda) e dos residentes (direita) entrevistados

Fonte: dados da pesquisa

Entre os turistas entrevistados, 48,5% responderam que têm o 2º grau completo, 32,3% têm escolaridade superior e 13,1% responderam mestrado ou doutorado (FIG. 3). Entre os residentes, a maioria dos entrevistados possui 1º grau completo (49,0%) e 25,0% até o 2º grau completo; 23,0% apresentam escolaridade superior e 3,0% apresentam nível de pós-graduação (FIG. 3).

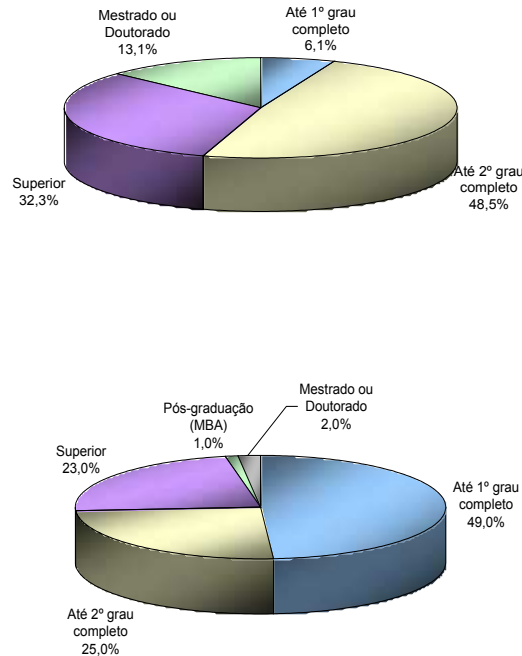


FIGURA 3 – Nível de instrução dos turistas (esquerda) e dos residentes (direita) entrevistados.

Fonte: dados da pesquisa

Ao serem perguntados em quais atividades pretendiam se envolver durante sua permanência na cidade, 68,0% dos turistas entrevistados apontaram a gastronomia; 62,0% pretendiam visitar os museus; 59% elegeram a história e cultura da cidade, e 26% as atividades cultural-religiosa (FIG. 4)

A mesma questão foi apresentada aos residentes entrevistados, a fim de se levantar dados sobre quais atividades são compartilhadas simultaneamente com os turistas. Os dados da FIG. 4 mostram que as atividades culturais/religiosas são praticadas por 71,0% dos entrevistados, a gastronomia por 41,0% e a visita a museus por 25%. Os percentuais somam mais de 100%, pois cada entrevistado podia optar por mais de uma resposta.

Entre os residentes entrevistados, as atividades que despertam menos interesse são as visitas a museus e as relacionadas à história e cultura da cidade. Isto sugere que esses residentes devem ser sensibilizados sobre a importância da história local, e motivados para a visita aos museus e outros atrativos histórico-culturais.

Através da pesquisa foi possível perceber os pontos de vista convergente e divergente entre os dois grupos abordados. A percepção do turista entrevistado, em relação as cinco dimensões ambientais pesquisadas, destacou como bom e excelente os itens relacionados à condição do acesso aos museus e outros atrativos (96,9%), a iluminação pública (94,0%), a qualidade da relação entre morador e turista, quanto aos costumes e tradições da cidade (93,9%), a limpeza das áreas externas de museus e monumentos históricos (89,9%) e o abastecimento de água durante feriados prolongados e finais de semana (89,9%).

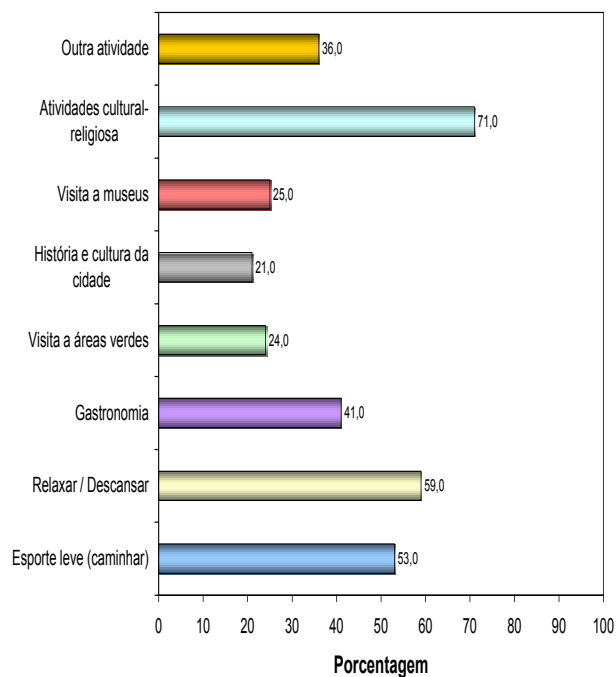
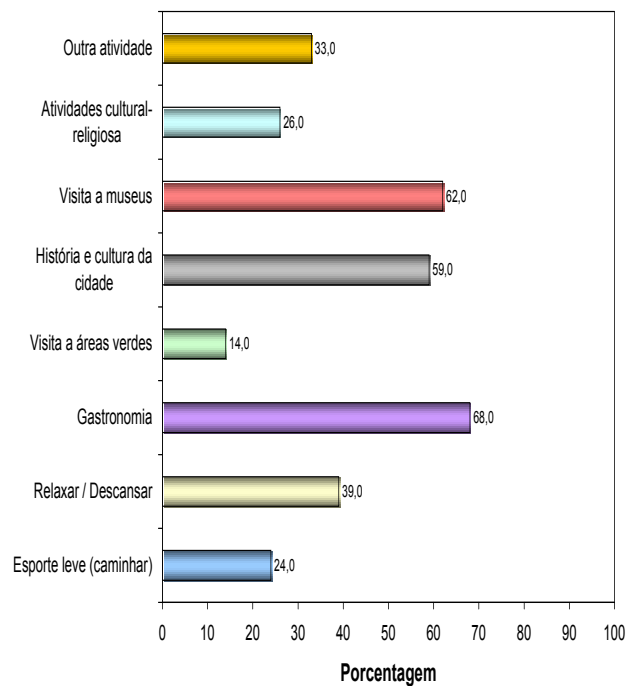


FIGURA 4 – Atividades envolvidas: dos turistas (esquerda) e dos residentes (direita) entrevistados

Fonte: dados da pesquisa

Na opinião do residente entrevistado, em relação à utilização dos recursos de forma compartilhada com o turista, destacam-se positivamente (bom e excelente) os itens que

abordam a condição do acesso aos museus e outros atrativos (83,0), a conservação dos museus e outros atrativos (81,0%), a iluminação pública (76,8%), a preservação das fachadas dos prédios e casas contra a poluição visual, causada por cartazes e outdoors (69,0%).

As opiniões positivas, entre turistas e residentes entrevistados, sobre a utilização compartilhada dos recursos comuns também convergem nos itens que tratam da condição do acesso aos atrativos turísticos e da iluminação pública.

Dentre os itens pesquisados nas cinco áreas ambientais, os dois grupos de entrevistados concordam que a inexistência de lixeiras para coleta seletiva e a existência de cheiro desagradável na cidade relacionado ao lixo e esgoto é um problema percebido por ambos e que deveria merecer maior atenção do poder público local.

A pesquisa revelou, também, que, durante feriados prolongados e finais de semana, a superocupação das ruas, o congestionamento do trânsito e a diminuição da qualidade do ar são percebidos pelos residentes entrevistados, mas não pelos turistas entrevistados, o que confirma Oliveira (2003), sobre as diferentes motivações e necessidades entre os diferentes usuários interferindo nos usos e valores percebidos dos recursos comuns. Similarmente, embora a maioria dos turistas entrevistados tenha afirmado que já havia estado na cidade anteriormente, eles não perceberam o aumento de atos de vandalismo, violência e drogas; porém, a maioria dos residentes que responderam ao questionário ressalta estas ocorrências e atribuem aos turistas o aumento destes atos relacionados à falta de segurança.

5. Considerações Finais

Conforme os objetivos propostos, o desenvolvimento deste trabalho permitiu o levantamento de informações sobre a utilização compartilhada dos recursos naturais, sócio-culturais e construídos, pelos residentes e turistas entrevistados, no município de Ouro Preto, Minas Gerais.

As divergências de opinião permitem antever indicativos de conflitos existentes entre os interesses e necessidades dos turistas e dos residentes entrevistados. Pelos resultados da pesquisa, estes indicativos ainda são moderados, talvez devido ao fato de que a maioria dos residentes entrevistados não reside no centro histórico, onde o fluxo de turistas é mais intenso. É importante ressaltar, conforme Briassoullis (2002), que a adoção de ações viáveis para administrar os recursos de uso comum da comunidade anfitriã, pode minimizar e/ou manter sob controle esta situação de conflito entre residentes e turistas. Isto aponta para a necessidade

de uma gestão sustentável, através do uso de instrumentos de controle, de acordo com Ribeiro (2002) que podem ser utilizados para aprimorar a gestão ambiental do município. Deve-se enfatizar, conforme Bahia et al. (2005), a importância da gestão de municípios, pois, em última instância, são eles os responsáveis pela conservação ambiental e o desenvolvimento do turismo. O município como destino turístico possui autonomia administrativa para gerir as atividades sociais, culturais, ambientais e relacionadas ao turismo de uma forma geral. Sugerem-se, ainda, ações educativas que minimizem as divergências e promovam o alinhamento estratégico dos interesses e a visão compartilhada da relevância da atividade turística para Ouro Preto junto aos turistas e residentes.

Referências

- BAHIA, Eduardo Trindade; FORTES, Mauri; FERREIRA, Romero Wanyr. Modelos de gestão ambiental em municípios turísticos. In: BAHL, Miguel; MARTINS, Rosilene Conceição Rocha; MARTINS, Sérgio Fernandes. *O Turismo como força transformadora do mundo contemporâneo*. São Paulo: Roca, 2005.
- BOULLÓN, R.C. *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru: EDUSC, 2002.
- CLADERA, Magdalena; ESTEVA, Magdalena; JUANEDA, Catalina; TAMBORERO, Gaspar. Efectos del turismo en la demanda de servicios sanitarios. *Annals of Tourism Research em Español*, Universitat de les Iles Balears, v.5, n.1, p. 149-162, 2003.
- COOPER, Chris et al. *Turismo, princípios e prática*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. *Do local ao global: o turismo litorâneo cearense*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- COSTA, Patrícia Côrtes. *Unidades de conservação: matéria-prima do turismo*. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).
- DIAS, Reinaldo. *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.
- DIAS, Reinaldo. *Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.
- HEALY, R. The “common pool” problem in tourism landscapes. In *Annals of Tourism Research* - 21:596-611, 1994.
- HEALY, R. The commons problem and Canada’s Niagara Falls. *Annals of Tourism Research*, Great Britain, v. 33, n. 2, p. 525 - 544, 2006.

- KASIM, Azilah. The need for business environmental and social responsibility in the tourism industry. *International Journal of Hospitality and Tourism Administration*, Malasya, v.7, n.1, 2006.
- MILLER, G. Tyler. *Ciência ambiental*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- OLIVEIRA, Fernando Vicente de. *Capacidade de carga nas cidades históricas*. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Turismo.)
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- PETROCCHI, M. *Turismo: planejamento e gestão*. São Paulo: Futura, 1998.
- RIBEIRO, M. A. *Ecologizar: pensando o ambiente*. Belo Horizonte: Rona Editora, 2002.
- RUSCHMANN, D. *Turismo e planejamento sustentável*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Turismo.)
- SILVA, N.N. *Amostragem probabilística – um curso introdutório*. São Paulo: Edusp, 2004.
- VALLS, Josep-Francesc. *Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- XAVIER, Herbe. *A percepção geográfica do turismo*. São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo).